

**IDEIAS LINGÜÍSTICAS PRESENTES
NA PRODUÇÃO DIDÁTICA DE DINO PRETI²⁶**

Gil Negreiros (UNINCOR)
gilrobertonegreiros@yahoo.com.br

RESUMO

O tema deste trabalho se refere às ideias linguísticas de Dino Preti presentes em sua produção didática, para alunos do ensino fundamental. Neste artigo, que faz parte de um trabalho maior, pretendemos demonstrar que, mesmo ainda com forte tendência gramatical, as produções didáticas de Preti apresentam concepções inovadoras para a época, que fazem com que esses instrumentos didáticos tenham caráter quase que inédito, em consonância com os problemas que o ensino da língua materna começava a enfrentar no contexto escolar brasileiro. Teoricamente, a pesquisa se apoia em pressupostos da Historiografia Epistemológica, na modalidade adotada por Auroux (2006) e Puech (2006). Há um interesse, a partir desse quadro teórico, nas ligações causais do objeto investigado com outros que lhe são relacionados, a partir de cinco parâmetros (sistema de objetos, parâmetro temporal, parâmetro espacial, sistema de parametragem externo e sistema de interpretantes). Segue-se, no processo de pesquisa, o Método Fenomenológico, a partir de seus quatro momentos metodológicos, a saber: imersão, discriminação, atribuição e síntese.

Palavras-chave: Dino Preti. Didática. Ensino. Língua materna. Parâmetro

1. Introdução

A escola brasileira, nas últimas cinco décadas, talvez influenciada pelo ingresso de alunos de diferentes níveis socioculturais, até então afastados do processo de ensino, viu-se no meio de um dilema: como ensinar língua portuguesa, de modo eficaz, para falantes de diferentes modalidades dessa mesma língua? Diante desse impasse (e em conjunto com outros problemas de ordem administrativa, como o excesso de aulas que os professores foram obrigados a lecionar), a adoção de livros didáticos nas aulas tornou-se, mais do que apenas um recurso, mas também uma necessidade. Nas aulas de língua portuguesa especificamente, os livros didáticos, aqui considerados como “instrumentos linguísticos”, tornavam-se alternativa para novas estratégias didáticas, para a aplicação de atividades que, já prontas na publicação, não necessitavam de muito tempo

²⁶ Este artigo faz parte de uma pesquisa maior, financiada pelo CNPq e desenvolvida na FFLCH-USP. Este artigo é uma adaptação de nossa apresentação no encontro da ALFAL 2011, realizado em Alcalá de Henares.

para serem planejadas.

Nesse contexto, chama a atenção o conjunto de publicações do Prof. Dino Preti, sociolinguista brasileiro e pesquisador da Universidade de São Paulo. A coleção, voltada para o ensino regular seriado (de 5ª a 8ª séries), foi formada pelo livro *Aprendendo Português...* e pelo caderno de exercícios *Vamos trabalhar*, “instrumentos linguísticos” publicados na primeira metade da década de 1970.

Nosso objetivo, neste artigo, é analisar as ideias linguísticas presentes nesses livros didáticos de Dino Preti, importante autor para o ensino de língua portuguesa no Brasil. Muitas das mudanças ocorridas no cenário do ensino de língua portuguesa nas últimas décadas – como a valorização do oral, a percepção e uma visão mais depurada dos usos linguísticos dos diversos grupos sociais (por exemplo, as *gírias* e *palavras obscenas*), o estudo das marcas orais e sociolinguísticas presentes na configuração de diálogos literários –, têm, na obra de Preti, sustentação teórica e metodológica.

Além disso, esta pesquisa se justifica também pelo fato de ser ainda tímida a produção de trabalhos científicos sobre as ideias linguísticas de autores brasileiros, como também são escassas as pesquisas que buscam interpretar o percurso de certos temas, como os relativos à Análise da Conversação e à Sociolinguística, no âmbito do pensamento linguístico brasileiro.

Nossos *corpora*, neste trabalho, são formados por um exemplar de *Aprendendo Português...* e um de *Vamos trabalhar*, respectivamente de 8ª e 7ª série. Teoricamente, a pesquisa se apoia em pressupostos da Historiografia Epistemológica, na modalidade adotada por Auroux (2006) e Puech (2006). Há um interesse, a partir desse quadro teórico, nas ligações causais do objeto investigado com outros que lhe são relacionados, a partir de cinco parâmetros (sistema de objetos, parâmetro temporal, parâmetro espacial, sistema de parametragem externo e sistema de interpretantes). Segue-se, no processo de pesquisa, o Método Fenomenológico, a partir de seus quatro momentos metodológicos, a saber: imersão, discriminação, atribuição e síntese.

2. Os “instrumentos linguísticos”

Os “instrumentos linguísticos” aqui analisados, como já dissemos, são compostos pelo livro *Aprendendo Português...* (para 8ª série) e pelo

caderno de exercícios *Vamos Trabalhar!* (para 7ª série). No primeiro, que pode ser considerado um “instrumento linguístico teórico”, são observadas 16 (dezesesseis) unidades. São partes fixas em todas elas:

- a) Texto inicial, quase sempre literário, seguido de biografia do autor.
- b) Revisão gramatical (de temas tratados nas séries anteriores), com uma gama de exemplos baseados no texto que inicia a unidade.
- c) Nova lição gramatical, com assuntos ainda não tratados, específicos da série do livro.

Além dessas partes, comuns em todas as dezesseis divisões, há, em algumas unidades, as seguintes propostas de discussão:

- d) Redação, com apresentação de aspectos estruturais e teóricos sobre a concepção de diferentes textos escritos (no livro em análise, o autor apresenta as seguintes temáticas: espécies de redação – narração, descrição e dissertação –, comentários e críticas, requerimento e carta comercial).
- e) Língua falada e escrita: item em que são destacados a pontuação, a acentuação, a ortografia, os verbos impessoais, os superlativos, o apóstrofo, o uso de maiúsculas, as orações coordenadas e as subordinadas. Além desses aspectos, muito voltados para o texto escrito e para as concepções gramaticais, há uma proposta de jogral, considerada pelo autor como trabalho com oralidade. Também há que se destacar a unidade 8, em que há a apresentação da temática da gíria. O autor assim o diz:

Empregada com moderação, nos momentos adequados, a gíria é um excelente recurso da linguagem oral, mas, cuidado: há situações em que a linguagem gírica²⁷ se torna ridícula e inadequada e deve ser evitada. Por exemplo, num contexto mais formal, num debate mais sério, numa exposição oral escolar, num texto escrito, etc. (PRETI, 1976A, p. 69)

- a) A linguagem poética: ocorre em apenas uma unidade do *corpus*, com conceitos de poema, verso, estrofe, rima e ritmo.
- b) A linguagem real e figurada: destaque apenas para as figuras de linguagem.
- c) Iniciação artística: com apresentação de “escolas literárias”.

²⁷ O autor, hoje, não emprega mais em seus trabalhos expressões como “gírica” e “gírico”, optando por adotar os adjetivos “gíria” e “gírio”.

3. Ideias linguísticas presentes na produção didática de Dino Preti

Se analisado individualmente, sem o complemento *Vamos trabalhar!*, o instrumento linguístico *Aprendendo Português...* poderia ser considerado como um material quase que completamente voltado para o ensino normativo-gramatical. Excetuando pouquíssimas intervenções advindas de uma “nova Linguística” (como a observação sobre gírias), o material, considerado como o principal da coleção, apoia-se em horizontes de retrospectão de cunho gramatical-normativo e em aspectos literários.

Alguns parâmetros podem esclarecer essa influência:

1º) A própria posição da editora, que quase sempre segue a tendência do público. No caso brasileiro, sem buscar uma pseudoanálise de cunho teleológico, basta lembrarmos o recente caso do livro *Por uma Vida Melhor* (tripudiado por parte da mídia por apresentar algumas linhas que se referem às modalidades culta e popular da língua) para termos uma ideia de como a sociedade ainda é marcada por concepções ideológicas voltadas para o bom uso da língua e para a adoção da norma culta como única representante da língua portuguesa.

2º) A formação “clássica” de Preti, que, antes de desenvolver seu trabalho como autor de livro didático, fez seu mestrado com a pesquisa em literatura portuguesa sobre Camões, além de ter se doutorado com pesquisa sobre níveis da fala em textos da literatura brasileira. Isso demonstra o elo do pesquisador com a formação literária, que o acompanhou durante quase toda a sua trajetória acadêmica.

Todos esses parâmetros (parâmetro temporal; parâmetro espacial; “parametragem externa”, que liga o sistema de objetos ao contexto, no caso, a aplicação de conceitos gramaticais, ainda muito presos a exemplos literários, mesmo em textos do movimento modernista brasileiro) são indícios inequívocos de uma influência ainda muito forte da gramática normativa e do ensino clássico no livro-texto de Preti.

Contudo, se tomarmos como base o caderno de exercícios complementar, intitulado *Vamos trabalhar!*, podemos observar um outro caminho tomado. Esse outro “instrumento linguístico”, até pelo seu caráter mais prático e de aplicação, complementa o primeiro livro e traz concepções novas para a época, advindas, sobretudo, da Sociolinguística Variacionista, em claro contraponto com o livro *Aprendendo Português...*

Nesse caderno de exercícios, há atividades de gramática normati-

va e de produção “tradicional” de textos, em consonância com os conteúdos apresentados no livro teórico. Todavia, *Vamos trabalhar!* traz em sua proposta novas abordagens, como propostas de trabalho com a oralidade. Lê-se aqui uma “oralidade” com fortes marcas sociolinguísticas, marcada, sobretudo, pela Teoria da Variação:

O interesse pela linguagem oral [...] reflete-se igualmente na escolha de textos de leitura e interpretação, com frequentes e sugestivas incursões pelos níveis mais populares da língua, possibilitando uma constante identificação com o aluno, nos tipos e na *fala*. (PRETI, 1976b, s/p)

Parece-nos que essa tendência rege grande parte das propostas, até mesmo algumas próximas de atividades gramaticais. O trabalho com textos literários também é baseado, constantemente, na Teoria Variacionista de cunho laboviano, conforme podemos observar no trecho a seguir, retirado do manual do professor, publicado nas primeiras páginas do caderno de atividades:

Note-se que os próprios textos escolhidos demonstram a variedade dos *níveis linguísticos*, que decorrem, conforme se sabe, de diversos fatores, como, por exemplo, a cultura, a idade, o sexo, a profissão do falante, bem como da intimidade que o liga ao ouvinte, ou mesmo do próprio contexto em que a fala ocorre, ou até do tema tratado. (PRETI, 1976b, s/p)

Primeiramente, chama atenção a preocupação do autor em demonstrar, para o aluno, a “variedade dos *níveis linguísticos* (expressão usada no mesmo sentido de *níveis sociolinguísticos*, ou *níveis de fala*). Trata-se de uma ideia básica advinda dos primeiros autores de cunho sociolinguístico, como o francês Cohen, seguidor de Meillet e um dos precursores dos estudos que envolvem língua e sociedade e, principalmente, como o linguista norte-americano Gleason, da escola sociolinguística variacionista laboviana. Esses autores foram estudados por Preti na ocasião de suas pesquisas de doutoramento, que deram origem ao trabalho *Sociolinguística: os níveis da fala*. A título de exemplo, citamos Gleason, que, em seu livro *Introducción a la Lingüística Descriptiva*, publicado na década de 1960 nos Estados Unidos, afirma sobre a importância de valorizar os níveis de fala:

Provavelmente nenhum outro aspecto da linguística apresenta uma atração popular tão grande na América. É de lamentar que o público não esteja bem informado em geral sobre a maioria desses aspectos. O que é necessário é uma atitude mais inteligente e apreciativa dos dialetos, níveis de fala e características da fala individual. (GLEASON, 1970, p. 564)

Também é possível perceber que Preti valoriza o aspecto sociointeracional da linguagem, ao se referir ao grau de intimidade entre falantes

e à questão do contexto de fala. Assim, considera a linguagem como expressão característica do comportamento e da posição social do usuário, vindo ao encontro das concepções de Labov, que postula sobre a heterogeneidade linguística:

A existência de variação e de estruturas heterogêneas nas comunidades de fala investigadas está de fato provada. É da existência de qualquer outro tipo de comunidade que se pode duvidar [...] a heterogeneidade não é apenas comum, é também o resultado natural de fatores linguísticos básicos. Alegamos que é a ausência de registro e de sistemas multiestratificados de comunicação que seria disfuncional. (LABOV, 1972, p. 238-9)

Além de ser explícita, no manual do professor, a influência laboviana, várias atividades direcionadas aos alunos são marcadas pelas mesmas ideias, o que demonstra a influência da Sociolinguística Variacionista na produção dos instrumentos linguísticos:

Anotar expressões típicas, humorísticas, gíria peculiar das irradiações de futebol. Procurar depois explicá-las com uma linguagem mais culta. *Mostrar a expressividade de certas expressões, absolutamente intraduzíveis numa linguagem mais elevada.* (PRETI, 1976b, p. 5)

Escreva novamente os diálogos: mudando o tratamento você para o *senhor / a senhora.* (PRETI, 1976b, p. 30)

Oportuno observar, nesses excertos, a preocupação do autor com a seleção de textos que apresentem recursos linguísticos heterogêneos até na valorização da expressividade do vocábulo gírio, algo que, até nos dias de hoje, pode-se tornar um problema para certos setores de nossa sociedade.

Por sua vez, em outras atividades orais, além das questões dos *níveis de fala* (ou *níveis sociolinguísticos*), há uma preocupação com uma formação linguística voltada para a interação, algo que já aponta para um horizonte de prospecção futuro do autor, que é a aproximação com a Análise da Conversação. Observemos algumas propostas de atividades:

Este trabalho [seminários em sala de aula] deve servir, principalmente, para a desinibição do aluno, procurando o professor respeitar os *níveis de fala* de cada um, limitando-se a sugerir melhores formas de dizer, sintetizando conceitos, esclarecendo outros. (PRETI, 1976b, s/p)

Como e quando foram construídos dois dos maiores estádios brasileiros de futebol? Quais suas características? Procurem dados informativos em bibliotecas, enciclopédias etc. Depois, *organizem uma exposição oral* para a classe. (PRETI, 1976b, p. 18)

Contudo, há que se destacar que, na época, a proposta apresentada por Preti está vinculada estritamente à Sociolinguística Variacionista. No

caso específico do trecho anterior, o destaque é dado especificamente aos fatores sociofuncionais do ato de fala específico de uma apresentação em público.

Também os enunciados das questões apresentam outra característica destacável, que é a proximidade entre autor e leitor. Esse fato é explicitado pelo autor no manual de orientação do professor, publicado no início de *Vamos trabalhar!*:

Aprendendo Português... [...] é toda apresentada num estilo bem próximo dos níveis orais da linguagem [...]. (PRETI, 1976b, s/p)

[...] são frequentes as construções típicas de um suposto autor / leitor. (PRETI, 1976b, s/p)

Esse comportamento interativo não é apenas comum nos textos dirigidos aos professores. Da mesma forma, ocorre também em enunciados de exercícios direcionados aos alunos:

Indicamos a você a frase no singular. Você passará seus substantivos e adjetivos para o plural. (1976b, p. 32)

Se você tem dúvida quanto à organização desse debate com o grupo, veja mais adiante, na lição 6 [...], como fazê-lo (1976b, p. 25).

A partir dessas observações, é possível afirmar que Preti percorreu um duplo caminho na consolidação das ideias que perpassam nosso *corpora*.

De um lado, há uma preocupação com norma linguística, baseada nos princípios da gramática, fato que explica a presença marcante de exercícios gramaticais na proposta didática de Preti, baseados quase sempre em textos literários. O próprio autor afirma, em determinado trecho do Manual do Professor, publicado no caderno de exercícios, que o texto escrito deve ser aprendido pela / na gramática. Para Preti, a fala é que é aprendida sem a gramática, pela “repetição das estruturas linguísticas”, em quase que explícita referência à teoria do signo:

Afirma-se, um tanto afoitamente, que a língua não se aprende pela gramática. E atribui-se tal opinião aos linguistas modernos (sem dizer quem foi que disse...). Trata-se, sem dúvida, de um conceito apressado e, de certa forma, leviano. Como já dissemos anteriormente, a Linguística tem demonstrado que a fala não se aprende através da gramática, mas sim pela repetição pura e simples das estruturas linguísticas. Isto é, vemos um objeto, ouvimos o signo a ele correspondente (significante sonoro + significado) e guardamos em nosso repertório. (PRETI, 1976b, s/p)

Tal ideia de representar o real por um signo e de compreender o

signo como representante do real, estabelecendo relações de significação entre “uma coisa e algo”, é aproveitada pelo autor, de maneira mais explícita, em sua tese de doutorado. Trata-se de uma influência direta de Benveniste, citado de forma enfática por Preti em *Sociolinguística: os níveis da fala*. No manual do professor do caderno de exercícios, essa influência é também notada, mesmo que de maneira mais disfarçada.

Por outro lado, alguns outros parâmetros explicam o segundo caminho de Preti na obra, marcado pela presença de atividades que visavam a um trabalho com a variação linguística:

1) A própria formação de Preti, que atuava na Escola de Comunicação e Artes da USP, e seu contato com autores da Linguística sociológica francesa, como Meillet e Vendryes, além de influências de Bally, principalmente no que se refere ao conceito de *meio* social de produção linguística. Fundamental também é o contato de Preti com os autores da Sociolinguística Variacionista de linha americana, principalmente Bright, Fishman, Dell Hymes e Labov, que surgia com força na época.

2) A adoção de referenciais teóricos influenciadores de suas ideias, como as seguintes obras, indicadas como sugestões de leitura para os professores, no caderno de exercícios *Vamos Trabalhar*:

a) *El language y la vida*, de Charles Bally, obra publicada pela primeira vez em 1913 na França. Importante frisar que o pensamento de Bally, segundo Paveau e Sarvati, aproxima-se das pesquisas de cunho sociolinguístico mais contemporâneas. Segundo os autores, há afinidades entre as ideias de Bally e certos desenvolvimentos das pesquisas anglo-saxãs. Dizem os autores: “A caracterização da “língua falada”, com sua crescente abertura para as coerções socioculturais problematiza, antes da sociolinguística norte-americana [...], o estatuto das variações discursivas [...]”. (PAVEAU E SAVATI, 2007, p. 99)

b) A obra *Sociolinguística*, do sociolinguista variacionista norte-americano Joshua Fishman, pesquisador de escola laboviana e um dos fundadores do movimento sociolinguista nos EUA.

c) A obra *Teoria da Linguagem*, de Herculano de Carvalho. São as ideias linguísticas de Herculano de Carvalho que, a nosso ver, levam Preti à proposta de que uma formação linguística eficaz é aquela apoiada nas normas e nos usos. E isso explicaria, em partes, a organização de sua

obra didática aqui analisada. Nas palavras do próprio Preti, veem-se as ideias de Herculano:

A verdade é que somente pelo conhecimento das normas gramaticais, das variações do repertório linguístico, dos vários comportamentos possíveis dentro dele, da comparação das estruturas, da análise da frase, enfim da reflexão sobre a língua, é que podemos chegar ao que os linguistas chamam de saber linguístico. (PRETI, 1976b, s/p)

Dessa forma, a obra de Preti foi, para seu tempo, muito importante na produção bibliográfico-didática brasileira. A adoção de ideias sociolinguísticas no ensino de língua portuguesa, mais do que trazer apenas exemplos a serem normatizados, tinha como objetivo completar uma lacuna na aprendizagem linguística, no sentido de buscar uma reflexão mais completa sobre a linguagem, tanto no âmbito da norma quanto dos usos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUROUX, S. Les méthodes d'historicisation. *Histoire, Epistemologie, Langage*. Université Paris VII, tome XXVIII, fasc. 1, p. 105-16, 2006.

GLEASON JR, H. A. *Introducción a la lingüística descriptiva*. Madrid: Gredos, 1970.

LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

PAVEAU E SAVATI. *As grandes teorias da linguística*. São Carlos: Claraluz, 2007.

PRETI, D. *Sociolinguística: os níveis da fala*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nacional, 1974.

_____. *Aprendendo português... lições de língua, comunicação e expressão*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 8ª série, 1976.

PUECH, C. Pour une histoire de la linguistique dans l'histoire de la Linguistique? In: *Histoire, Epistemologie, Langage*. Université Paris VII, tome XXVIII, fasc. 1, p. 9-24, 2006.